



Emanuely Guterres Soares

**O FUTEBOL FEMININO NO BRASIL: UMA ANÁLISE DA
COBERTURA TELEVISIVA DURANTE A COPA DO MUNDO DE 2019**

Santa Maria, RS
2021

Emanuely Guterres Soares

**O FUTEBOL FEMININO NO BRASIL: UMA ANÁLISE DA
COBERTURA TELEVISIVA DURANTE A COPA DO MUNDO DE 2019**

Trabalho Final de Graduação (TFG) apresentado ao Curso de Jornalismo - Área de Ciências Sociais, da Universidade Franciscana (UFN), como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof^ª. Glaíse Palma

Santa Maria, RS
2021

Emanuely Guterres Soares

**O FUTEBOL FEMININO NO BRASIL: UMA ANÁLISE DA
COBERTURA TELEVISIVA DURANTE A COPA DO MUNDO DE 2019**

Trabalho Final de Graduação (TFG) apresentado ao Curso de Jornalismo - Área de Ciências Sociais, da Universidade Franciscana (UFN), como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo

Orientador: Prof.^a Glaíse Palma

Prof.^a Dra. Glaíse Palma – Orientadora (UFN).

Prof.^a Dra. Sibila Rocha (UFN)

Jornalista Janaína Wille (UFSM)

Aprovada em ____ de _____ de 2021

“É muito melhor lançar-se em busca de conquistas grandiosas, mesmo expondo-se ao fracasso, do que alinhar-se com os pobres de espírito, que nem gozam muito, nem sofrem muito, porque vivem numa penumbra cinzenta onde não conhecem nem vitória, nem derrota”.

Theodore Roosevelt

Agradecimentos

Este trabalho representa para mim o término de uma jornada que caminhei com a ajuda de amigos e familiares. Agradeço imensamente aos meus pais, aos meus tios e tias e, também, em especial as pessoas que conheci durante a graduação. Denzel Valiente, Laura Gomes, Nathália Arantes e Lavigne Witt, obrigada por terem estado junto comigo nestes anos. Vocês foram essenciais para eu ter chegado até aqui. Também não poderia deixar de agradecer também ao curso de jornalismo e a minha orientadora Glaise Palma. Vocês todos são muito importantes para a minha formação profissional e humana. Obrigada e seguimos em frente com novos desafios e conhecimentos.

Dedico este trabalho ao meu pai, que nunca me deixou desistir dos meus sonhos e durante a graduação, fez os maiores esforços para manter minha construção profissional. Saiba que mesmo separados deste espaço físico, meu objetivo é te orgulhar aí em cima!

RESUMO

O FUTEBOL FEMININO NO BRASIL: UMA ANÁLISE DA COBERTURA TELEVISIVA DURANTE A COPA DO MUNDO DE 2019

AUTORA: Emanuely Guterres Soares

ORIENTADORA: Gláise Palma

Este trabalho final de graduação em Comunicação Social, habilitação jornalismo, aborda aspectos da cobertura/transmissão da Copa do Mundo de Futebol Feminino de 2019, com base em dois canais, TV Globo e SporTV. Partindo da problematização em torno da visibilidade prestada ao esporte praticado pelas mulheres, o trabalho busca compreender que espaço foi dado à Copa pelos canais, analisando a abordagem utilizada e identificando as marcas que distinguem essa cobertura. Além de ponderar as abordagens diante de características sexistas e refletindo o espaço destinado ao futebol masculino e feminino, no mesmo evento. Neste caso conclui-se uma preocupação, diante da mínima participação feminina na equipe, porém o fortalecimento nas chamadas resultou em uma audiência elevada, mostrando que a mídia possui grande valor para designar novos espaços ao esporte feminino.

Palavras chaves: Jornalismo esportivo; Mulheres; Igualdade; Feminismo

ABSTRACT**O FUTEBOL FEMININO NO BRASIL: UMA ANÁLISE DA COBERTURA TELEVISIVA DURANTE A COPA DO MUNDO DE 2019****AUTORA:** Emanuely Guterres Soares**ORIENTADORA:** Glaíse Palma

This final graduation work in Social Communication, journalism qualification, addresses aspects of coverage / transmission of the 2019 Women's Soccer World Cup, based on two channels, TV Globo and SporTV. Starting from the problematization around the visibility given to the sport practiced by women, the work seeks to understand what space was given to the Cup by the channels, analyzing the approach used and identifying the brands that distinguish this coverage. In addition to considering the advantages of sexist characteristics and reflecting the space destined for men's and women's football, in the same event. In this case, there is a concern with the participation of female participation in the team, but the strengthening in the calls resulted in a high audience, showing that the media has great value in designating new spaces for women's sports.

KEY WORDS: Sports journalism; Women; Equality; Feminism.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1	41
FIGURA 2	42
FIGURA 3	42
FIGURA 4.....	43
FIGURA 5	44
FIGURA 6.....	45
FIGURA 7	46
FIGURA 8.....	47
FIGURA 9	48
FIGURA 10	48
FIGURA 11.....	50

LISTA DE TABELAS

TABELA 1	25
TABELA 2.....	38
TABELA 3.....	51
TABELA 4.....	51

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. REFERENCIAL TEÓRICO	15
2.1 JORNALISMO ESPORTIVO NO BRASIL	15
2.2 A MULHER NO ESPORTE	17
2.3 REPRESENTAÇÃO FEMININA NO CONTEXTO ESPORTIVO MUDIÁTICO	20
2.4 COPA DO MUNDO DE FUTEBOL FEMININO	23
2.4.1 COPA DO MUNDO DE FUTEBOL FEMININO DE 2019	25
3. PERCURSO METODOLÓGICO	27
3.1 REDE GLOBO	28
3.1.1 GLOBO ESPORTE	28
3.1.2 GE PORTAL	30
3.2 SPORTV	30
3.2.1 EVENTOS TRANSMITIDOS PELO SPORTV	32
3.2.2 CANAIS SECUNDÁRIO	36
4. ANÁLISE DAS COBERTURAS	38
4.1 EQUIPE DE TRANSMISSÃO	40
4.2 CHAMADAS PRÉ JOGO	44
4.3 AUDIÊNCIA	49
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	55

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa baseia-se em uma análise com foco na cobertura jornalística da Copa do Mundo de Futebol Feminino de 2019, na Globo, como mídia aberta, e na SporTV, como mídia fechada, observando a visibilidade que é dada às equipes femininas. A temática tornou-se interessante como objeto de pesquisa quando se compreende que o evento é tratado ainda pelos veículos midiáticos com indiferença, por ser realizado por mulheres.

O futebol possui uma enorme visibilidade a partir do recorte do gênero masculino e, desde o Governo Vargas, recebe um forte incentivo à prática e a promoção de uma cultura futebolística no país, o mesmo governo também é responsável pela ordem que proibia as mulheres de praticar o futebol.

Caracterizado como inadequado à natureza feminina, a causa tornou-se mais uma das lutas pela qual as mulheres teriam que batalhar. Assim que a mulher conquistou o direito de praticar a modalidade legalmente, a Seleção Masculina já conquistava o tricampeonato mundial. O que revela uma construção da cultura do futebol ligada ao masculino, para além da ideia de virilidade e força atrelada a determinadas modalidades esportivas.

A falta de incentivo e a ausência de participação de mulheres nos espaços futebolísticos são vivenciadas até hoje. Um dos segmentos responsáveis por esse enfraquecimento é a pouca visibilidade dada pela mídia, justificando então o problema de pesquisa, que pretende compreender “que espaço foi dado à copa do mundo feminina pelos canais: Rede Globo e SporTV?”

A pesquisa objetiva então analisar a abordagem nas coberturas jornalísticas durante a Copa do Mundo de Futebol Feminino de 2019, em dois canais, uma fechada e uma aberta, ambas da emissora Rede Globo. Especificamente, tem-se como objetivos identificar as marcas que distinguem as cobertura jornalísticas nas emissoras: Rede Globo e SporTV, ponderar sobre se as abordagens têm alguma característica sexista e refletir sobre o espaço que é dado para o futebol masculino e feminino, em ambas copas do mundo.

Justifica-se a pesquisa como um assunto que necessita ser debatido, tendo em vista que com todo o seu potencial que, acredita-se que por motivos sexistas, não tem tanta visibilidade quanto o futebol masculino. Todos os anos os mesmos problemas ligados ao futebol masculino são debatidos, já os times representados pelas mulheres não possuem o costume de seguir essa mesma rotina. As jogadoras estão engajadas para fazer a modalidade crescer e buscam pelo seu espaço todos os dias.

O salto na qualidade do futebol feminino e o espaço concedido às meninas desperta o público em geral. Em maio de 2020, durante a paralisação dos campeonatos devido a pandemia do Covid-19, a Globo reprisou diversos jogos memoráveis, entre eles Brasil X EUA, que definiu a medalha de ouro do futebol feminino no Pan de 2007. Foi com essa reprise que o canal liderou a audiência com 11 pontos na média. Esse fato só se tornou realidade com a Copa do Mundo de Futebol Feminino de 2019, quando foi realizada a primeira transmissão na rede aberta de televisão.

Foi possível identificar esses fatores que contribuem para a contextualização do tema em artigos encontrados durante a pesquisa, como “*A Representação do Futebol Feminino: mídia e esporte no Brasil*”, de Lucas Brum Corrêa (2017), que relata as formas como ocorreram as representações do futebol feminino nos meios midiáticos do Brasil. Além dele há também o artigo “*Preconceito no Futebol Feminino Brasileiro: uma revisão sistemática, que identifica as condições de existência do preconceito de gênero no futebol feminino com base na literatura científica e os aspectos socioculturais*”, de Fábio Luiz Teixeira e Iraquitan Caminha, embasado no contexto de vários autores como Martin (2006) e Giuliani (2007).

A pesquisa é realizada por meio de análise de conteúdo, primeiramente com uma revisão literária sobre Jornalismo Esportivo, contextualizando com o Telejornalismo, os contrapontos entre a rede aberta de televisão e a privada e como a mídia relaciona e provoca a inserção da mulher no esporte.

A segunda parte da pesquisa será dedicada a Copa do Mundo de Futebol Feminino, com foco na oitava edição, ocorrida em 2019. Será realizado um estudo e uma análise das informações sobre o evento, com o objetivo de direcionar a pesquisa aos resultados do problema em questão.

Em pesquisa nos diferentes âmbitos da internet, por artigos relacionados a área do esporte e da prática realizada pelo público feminino no país, foram selecionados 13 trabalhos. Os artigos apresentam de uma maneira geral as narrativas do futebol feminino, discursos em diferentes áreas da comunicação, questões ligadas à identidade e cultura, as semelhanças e diferenças quando praticada pelo sexo oposto e a visibilidade recebida pelas mídias.

Dentre esses artigos, oito abordam sobre a relação dessa construção entre a prática do futebol feminino com os meios de comunicação, como “*A representação do futebol feminino: mídia e esporte no Brasil*”, de Lucas Brum Corrêa. O trabalho consiste em selecionar as formas como ocorrem as representações do futebol feminino nos meios midiáticos do Brasil. O autor usa para essa construção aspectos como os estudos culturais, diante da maneira democrática e justa em todas as esferas da sociedades, utilizando os contextos sociais que a compõem, e para

isso ele utiliza da contribuição de Hall (1997) e Jodelet (1993). Já quando o autor relata sobre o fenômeno sociocultural e a representatividade do futebol ele utiliza Morigi (2004) e Woodward (2014), e para representação e a mídia ele traz autores como Reguillo (2002), Martino (2009), Giddens (2002) e Williams (2003) para suas análises.

Neste mesmo caminho de pesquisa foram encontrados três artigos relacionados à visibilidade, preconceito e as diferenças encontradas no esporte praticado por mulheres. Bem como, o artigo Preconceito no futebol feminino brasileiro: uma revisão sistemática, que identifica as condições de existência do preconceito de gênero no futebol feminino com base na literatura científica e os aspectos socioculturais. No trabalho, os autores Fábio Luís Santo Teixeira e Iraquitã de Oliveira Caminha, utilizam de Rago (2007), Batista; Devide (2009), Martin (2006), Giuliani (2007) e demais.

Além disso, outros dois artigos com viés ligado à análise específica, como *“Entre fachadas, bastidores e estigmas: uma análise sociológica do futebol feminino a partir da teoria da ação social”* de Erving Goffman e *“Performance e espetáculo no futebol: semelhanças e diferenças na estrutura midiática da modalidade praticada por mulheres e homens no Palmeiras”*. Esses artigos utilizam Pierre Bourdieu (1983), Dunning (1985), Kessler (2016) e demais autores.

O estudo fará uma análise quanti-qualitativa das coberturas tanto da Globo, quanto da SporTV, a respeito da Copa do Mundo de Futebol Feminino de 2019. Uma análise com base em Bardin (1997), que relata que o conteúdo é analisado por meio de uma leitura profunda, o que permite a compreensão de determinados temas através das técnicas específicas, em busca de significados existentes atrás das palavras. E também de Ikeda e Chang (2005), que consideram a interpretação como a peça-chave para analisar materiais repletos de significados implícitos.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Seria ingênuo afirmar que a mídia trata as mulheres e o seu envolvimento com o futebol de forma similar ao tratamento dado aos homens. Essa crítica à parcialidade nos meios de comunicação no que concerne ao gênero, parece sempre voltar à tona quando há algum estudo que envolva a mídia e o esporte (MOURÃO E MOUREL, 2005). Tanto que este assunto é peculiar da nossa cultura, pois:

Não interessa qual país e evento são estudados, os resultados consistentemente mostram que os esportes que envolvem mulheres são proporcionalmente mal representados na mídia esportiva e considerados como de menor emoção e de menor dignidade para notícias do que os esportes envolvendo homens. (STERKENBURG; KNOPPERS, 2004, p. 303)

Possui um hiato de 61 anos entre a estreia da Copa do Mundo de Futebol Masculino para a estreia da mesma competição na modalidade feminina. Além do evidente espaço temporal, esse tempo foi marcado pelo processo de construção do futebol como esporte ligado à identidade nacional (DaMaatta, 1982; Knijnik, 2006).

2.1 JORNALISMO ESPORTIVO NO BRASIL

Os entendimentos a respeito do jornalismo esportivo perpassam autores como Paulo Vinicius Coelho e Heródoto Barbeiro e Patrícia Rangel, que são indispensáveis para se compreender as noções de comunicação no meio esportivo.

Conforme escreve Paulo Vinicius Coelho (2004), nem sempre os esportes tiveram destaques e ganharam manchetes nas capas de jornais no país e por um longo tempo a área tinha um espaço limitado. Desse modo, o futebol, como um esporte inglês e recém introduzido no Brasil, não possuía perspectiva nenhuma de cativar multidões e muito menos conquistar a atenção da imprensa.

Nos primeiros anos de cobertura esportiva era assim. Pouca gente acreditava que o futebol fosse assunto para estampar manchetes. A rigor, imaginava-se que até mesmo o remo, o esporte mais popular do país na época, jamais estamparia as primeiras páginas de jornal. (COELHO, 2004, p.8).

A comunicação na área do esporte surgiu no início do século, relatando os lances das partidas no jornal A Fanfulha, em São Paulo. O jornal trazia relatos sobre futebol em página inteira, num tempo em que esse esporte ainda não cativou multidões. Coelho (2004), explica que muitas dessas informações sobre a origem dos esportes brasileiros são resultados da cobertura jornalística de jornais impressos da época.

A disseminação do esporte através dos meios de comunicação aconteceu na fase em que o futebol de campo se unia ao rádio. Embora já existissem jornais impressos, era levado em consideração um forte valor financeiro, tendo em vista que o esporte era praticado apenas pelas elites, tornando o assunto distante das grandes massas.

Nesse espaço de tempo, o crescimento da mídia radiofônica foi se tornando mais significativa, com intuito do público de classes mais baixas terem a possibilidade de acompanhar, discutir e comemorar a jornada de seus times. No entanto, esse custo no início era elevado para aqueles que produziam o conteúdo, assim a informação continuava sendo um privilégio de uma elite brasileira. Após alguns anos, a programação esportiva invadiu os lares brasileiros, com o início oficial do radiojornalismo esportivo e suas narrações de partidas, informações e programas diretamente ligados ao tema.

Coelho ressalta que, na década de 60, os grandes jornais impressos do país cederam espaços para o jornalismo esportivo impresso que sobrevive até o momento. Porém, sem receber um espaço fixo, dependendo sempre da quantidade de informações da semana ou da notícia “merecer” importância para o público.

Só no fim da década de 1960, os grandes cadernos de esporte tomaram conta dos jornais. Ou melhor: Em São Paulo, surgiu o Caderno dos Esportes, que originou o Jornal da Tarde, uma das mais importantes experiências de grandes reportagens do jornalismo brasileiro. Dessa época para cá, os principais jornais de São Paulo e do Rio lançaram cadernos esportivos e deles se desfizeram como se tratasse de objeto supérfluo. Gastar papel com gols, cestas, cortadas e bandeiradas nunca foi prioridade. (COELHO 2004, p.10).

Para compreender melhor o radiojornalismo esportivo, Ferrareto (2001) explica sobre o grande impulso do rádio em 1950, quando o Campeonato Mundial de Futebol ocorreu no Brasil. Segundo ele, as emissoras de rádio brasileiras foram as transmissoras dos jogos, com isso a qualidade melhorou e mobilizou ouvintes de todo o país.

Para Coelho, (2004), além de diversos aspectos questionados pelo autor, o jornalismo esportivo é realizado por profissionais da comunicação em início de carreira. Na época chamados de “focas”, eram os novatos que buscavam trabalho e crescimento profissional, se direcionaram a essa área do jornalismo. Para eles, eram disponibilizados editoriais de esporte e cidade, como a porta de entrada para suas carreiras, o que era considerado ótimo para seguir carreira em outras áreas, mas péssimo para quem procurava se dedicar somente a uma área.

No entanto, a fragmentação do jornalismo de acordo com o público alvo evidente há décadas em revistas, tem sido encontrado com maior frequência no fazer jornalismo da atualidade.

O desconhecimento do público para o qual faz a informação deixou de ser aceitável, o jornalismo para todos perde espaço para um modelo personalizado com características determinadas de acordo com o leitor e sua diversidade, segundo Barbeiro e Rangel (2007).

2.2 A MULHER NO ESPORTE

O contexto por si só carrega um legado pautado em relações de poder de ordem política, paternalista e patriarcal. A sociedade brasileira segue demarcada por relações sociais hierarquizadas e por privilégios que corroboram as questões interseccionais, envolvendo gênero, classe e raça, proporcionando cenários de afastamento e silenciamento de grupos sociais considerados “inferiores”.

No mundo todo, o simples fato de ser mulher é um grande desafio para muitas. A pouca inserção no mercado de trabalho, cargos e salários desiguais aos dos homens, poucas oportunidades, falta de respeito, violência, feminicídio, assédio, entre outros tantos fatores que fazem parte da vida das mulheres, desde sempre. No entanto, atualmente existe uma presença mais gradativa da consciência dessas problemáticas e de ações para promover a mudança, porém para alcançar a igualdade de gênero muito ainda tem que ser feito.

No esporte, essa disparidade e dificuldade de inserção e destaque feminino podem ser analisadas em um contexto histórico muito antigo. Desde o surgimento das práticas esportivas, a maioria das modalidades era composta apenas por times masculinos e o futebol era um deles, já que era considerado um esporte “de homem”. Esse conceito foi visto pela primeira vez ainda na Grécia Antiga, onde se acreditava que as mulheres ficariam masculinizadas com exercícios, além de serem consideradas fracas e sem condições físicas para as práticas esportivas.

Os primeiros jogos olímpicos, chamados de Panatéias, aconteciam diversos jogos e lutas. Nesse evento a presença das mulheres era completamente proibida, até como espectadora. Essa proibição estava relacionada à visão do estado em relação ao papel do cidadão, nesse caso a exclusão da mulher como cidadã grega limitava muito a sua participação nos esportes. As leis com relação ao envolvimento das mulheres no esporte eram tão rígidas nessa época que caso fossem descumpridas, chegavam ao nível de punição que muitas mulheres casadas que tentavam assistir aos jogos acabavam perdendo suas vidas.

Somente no período da Idade Média, as mulheres puderam participar então das mesmas atividades esportivas que os homens, envolvendo-se em esportes populares como os que utilizavam bolas, por exemplo.

Porém no século XVII, a mulher foi novamente privada de qualquer prática esportiva, desta vez, sendo subjugada pelo próprio marido ou familiar homem mais próximo. As proibições da prática esportiva pelas mulheres se intensificou na era vitoriana, chegando ao século XIX, onde voltaram a ser realizados os jogos olímpicos, em 1896, permitindo que somente homens participassem e as mulheres assistissem da plateia.

A primeira olimpíada na qual uma mulher pode participar oficialmente foi em 1900, realizada em Paris. Nessa ocasião participaram 22 mulheres e as únicas modalidades permitidas foram golf, tennis, vela e criquet. Hélène de Pourtalès foi a primeira mulher a completar um evento olímpico e levar a medalha de ouro participando de uma competição mista de vela com seu marido. Nos anos seguintes, novas modalidades foram adicionadas, e as mulheres puderam praticar arco e flecha, natação, mergulho, ginástica e algumas modalidades do atletismo.

Com o tempo, através de diversas lutas as mulheres foram aumentando sua participação nos jogos olímpicos e, em 1932, foi possível a participação de atletas brasileiras no evento, com a estreia de Maria Lenk na natação. A atleta, nascida em 1915, foi incentivada a praticar natação com intuito de tratar problemas respiratórios, treinando nas águas do Rio Tietê.

Foi durante as olimpíadas de Los Angeles em 1932, com 17 anos, que Maria Lenk fez sua estréia olímpica, nadando os 100m livres, 100m costa e 200m peito. Em 1936, além de Maria, competiram Sieglind Lenk, Piedade Coutinho, Helena de Moraes Salles e Scylla Venâncio, e ainda Hilda Puttkammer, na esgrima. Essas mulheres competiram em provas individuais, afirmando a participação feminina no esporte brasileiro a partir de esforços pessoais.

Nas olimpíadas seguintes houve uma grande diminuição do número de mulheres brasileiras participando do evento devido a uma política de exclusão reforçada pelo Decreto-Lei 3.199 de 1941, que deliberava: “Às mulheres não são permitidas a prática de desportos incompatíveis com a sua natureza”, (Souza & Mourão, 2011). O decreto que ainda é detalhado pela Deliberação n. 7 do Conselho Nacional de Desportos, entrou em vigor a partir de 1965 e foi revogado apenas em 1979. A lei determinava as práticas esportivas liberadas para as mulheres, tornando proibidas as lutas de qualquer natureza, o futebol de salão, o futebol de praia, o polo aquático, o polo, o rugby, o halterofilismo e o baseball.

Sob o período da ditadura militar, em 1964, a atleta Aída dos Santos, a única mulher negra da delegação brasileira viajou para Tóquio sem apoio algum do país, apoio técnico, sem tênis e sem uniforme e mesmo assim conseguiu o quarto lugar no salto em altura. Aída obteve o melhor resultado das mulheres brasileiras até então, tudo por mérito e esforço próprio.

De maneira lenta, as mulheres começam a conquistar o seu lugar no esporte e, mesmo depois de diversas conquistas, foi somente em 2012, que a mulher foi autorizada a participar em todas as modalidades olímpicas e houve a inserção de pelo menos uma mulher em cada delegação.

O histórico de proibições do futebol de mulheres reverbera até hoje na (in)visibilidade do esporte praticado por mulheres no Brasil e no mundo. Knijnik e Souza (2004, p. 210) apontam que as diferenças têm dado respaldo às perseguições, formação de representações sociais e preconceituosas e, até mesmo, a discriminações. Os autores concluem que as diferenças são bem vindas, porém, as desigualdades sociais, também no campo esportivo, devem ser repudiadas.

Esse resgate da história de enfrentamentos e conquistas que as mulheres precisam é para impor a luz a um cenário social mais democrático e equânime. A proibição instituída no Brasil durante o Governo Vargas possui consequências até os dias de hoje (GOELLNER, 2005; MOURÃO & MOREL, 2005)

Um futebol que precisa da chancela discursiva “feminino” quando se trata de mulheres (BARRETO JANUÁRIO, 2019), já que ao relatar sobre futebol, assume-se uma prática masculina. Se prefere então pensar o chamado futebol feminino como futebol de mulheres (FM), com o intuito de afastar qualquer premissa biologizante (GOELLNER, 2003)

Segundo Aira Bonfim (2019), o futebol de mulheres apresenta marcos introdutórios tanto nas festas esportivas frequentadas pelas elites brasileiras como nos picadeiros de circos nacionais. A pesquisadora defende que foi a partir da década de 1920 que conhecidos teatros e circos, como o Alcebíades, Queirolo e Nerino, foram espaços de exibição pública de atrizes enquanto jogadoras de futebol (BONFIM, 2019). O fato ratifica a compreensão de que a modalidade vai muito além de uma prática esportiva, tratando-se também de um fenômeno cultural, social e, por que não dizer, de ordem política.

A temática é quase inexistente quando se fala sobre a trajetória do futebol no Brasil, o que corrobora com o apagamento da participação das mulheres na construção da cultura futebolística no país, mesmo tendo protagonismo na concepção do termo “torcida” em português do Brasil (BARRETO JANUÁRIO, 2019).

Embora tenha seus avanços, eles acontecem ainda em passos lentos. Mesmo assim as mulheres seguem realizando sua melhor performance e buscando por espaço no campo e conseqüentemente na mídia, tudo pela valorização do seu espaço e trabalho.

2.3 REPRESENTAÇÃO FEMININA NO CONTEXTO ESPORTIVO MIDIÁTICO

Eventos esportivos são considerados movimentos sociais que mais atraem a mídia, seja por questão de ordem de mercado ou cultural. Existe uma relação de esporte e cultura, onde o sistema midiático, pela sua ação reguladora na construção de valores e atributos, tem poder na criação de ideias esportivas.

Betti (1997) confirma que não é mais possível referir-se ao esporte contemporâneo sem associá-lo aos meios de comunicação de massa. Esporte e televisão têm alterado progressivamente a maneira como se pratica e se observa o esporte. Já Borelli (2001) acredita que a mídia mobiliza estratégias para as coberturas de eventos esportivos, com o intuito de chamar atenção do seu público e manter a audiência elevada.

Segundo Knijnik e Souza (2007), alguns estudos internacionais mostram como a mídia esportiva privilegia os esportes masculinos, quando comparados aos femininos e, apesar da crescente participação das mulheres em eventos desportivos de competição, as mesmas ainda são submetidas a estereótipos, sobretudo relacionados ao corpo e à sexualidade. A falta de cobertura da mídia para os eventos esportivos femininos reflete não só as crenças culturais existentes que associam os esportes com as masculinidades, mas também reproduzem uma hierarquia institucional na qual os homens dominam e controlam aquilo que se discute na mídia esportiva.

No Brasil são mais de 270 emissoras de televisão transmitindo imagens próprias para o país e mais de 2000 retransmissoras. Nos canais pagos, as opções de programas são mais diversas e segmentadas. Atualmente, há dois canais esportivos no ar no país, a Sportv e a ESPN-Brasil. Dessa forma, o esporte consegue encontrar espaços e o jornalismo esportivo cresce com o desenvolvimento da televisão brasileira.

Diante do momento atual, é inegável dizer que a mídia não ocupa um lugar importante na sociedade, ela atua como formadora e reprodutora de opiniões, influenciando na concepção de mundo dos indivíduos, concedendo sentidos aos discursos veiculados e transmitidos. Segundo Borelli (2002) o campo jornalístico é percebido como um lugar de produção de sentidos e de construção da realidade. Já Pires (2002) entende que devido a sua capacidade de promover o esporte como um espetáculo. “A mídia passa a ser a principal produtora dos sentidos e significados válidos/validados socialmente sobre esporte” (PIRES, 2002, p. 102).

Por um longo tempo, só se tinha informações sobre esporte por meio de jornais, revistas e rádios. A invenção da televisão trouxe consigo o processo de espetacularização que foi fundamental para o cultivo da apreciação do esporte nas telas, tornando-o um fenômeno. Hoje

em dia, o esporte é fortemente inserido no dia a dia de forma que é consumido diretamente e indiretamente, por meio de comerciais de atletas, outdoors, propagandas e notícias nas redes sociais. Além disso, grande contribuição para os avanços da midiaticização é a internet e as tecnologias digitais, consumidas de forma instantânea para acompanhar a qualquer lugar e momento.

Pires (2015), traz uma preocupação que não é só vista quando se trata de jornalismo esportivo, mas sim no fazer jornalismo no geral. Em relação ao conteúdo, se tornou mais importante que o consumidor esteja sempre atualizado, de modo que o mais importante seja a quantidade de informações novas e não a qualidade delas. O autor ressalta que tem se tornado tendência geral do telejornalismo as pautas mais leves em um formato de entretenimento, o que deixa as notícias mais informativas de lado. “Essa velocidade em que as notícias são produzidas, disponibilizadas e também consumidas tem colaborado para que as informações sejam cada vez mais superficiais” (PIRES, 2015. p.).

O objetivo principal do jornalismo esportivo deveria ser uma construção e produção desenvolvida com responsabilidade, abordando a complexidade que envolve esse fenômeno, além de promover conteúdos formativos, diálogos e elementos que vão além de questões técnicas esportivas e as famosas mesas redondas. Pires (2015), afirma que quando o jornalismo esportivo é comprometido com o caráter formativo das notícias pode formar contribuições para uma qualificação da cultura esportiva, por meio da sua apropriação técnica do esporte e do aprofundamento crítico.

Até o momento pode-se entender o quanto a mídia influencia na sociedade e ao seu redor, isso tudo para chegar ao ponto principal da pesquisa. Porque ainda eventos esportivos, como a Copa do Mundo de Futebol Feminino, são tão desvalorizados pela mídia?

A última edição do Mundial Feminino, ocorrido em 2019, se destacou no que se refere à visibilidade da mídia sobre ele. O que parece ser ótimo, mas é importante ressaltar que foi o primeiro ano em que uma rede aberta de televisão proporcionou uma cobertura de tal evento.

A Globo, que praticamente disponibiliza horários nobres para passar os jogos da seleção masculina de futebol e nunca agiu de tal maneira para com o mesmo evento quando realizado por mulheres, concedeu horários para passar os jogos da seleção brasileira feminina em 2019.

Para se ter uma ideia, os ingressos de abertura, semifinal e final da Copa do Mundo de Futebol Feminina 2019, se esgotaram rapidamente devido a grande procura. Com isso o interesse da maior emissora de TV aberta do país, a Rede Globo, em transmitir pela primeira vez os jogos da seleção no campeonato, resultou no recorde de público e audiência, do país todo. Esses recordes foram alcançados também pelas atletas, mulheres jornalistas comentando

os jogos, jornalistas em cobertura esportiva, treinadoras, jogadoras usando suas vozes para pedir igualdade e diversos outros fatores.

Aspectos como esses fizeram a Copa se tornar, no mínimo, um evento interessante a ser analisado em relação à cobertura midiática. Afinal, percebe-se o quão importante é dar voz e visibilidade, essa que tanto faltava para as mulheres, que diante do esporte praticado não era considerado tão interativo como o praticado por homens.

A realidade é que se tem visto uma grande procura por pesquisas sobre o futebol feminino, mulheres pedindo salários e condições melhores, um grande número de treinadoras e árbitras atuando, jornalistas ocupando espaço de comentaristas em canais esportivos e não apenas apresentando, mas sim opinando. Recentemente, a primeira mulher narrou um jogo de futebol masculino da Copa do Mundo.

Cada vez mais mulheres têm ocupado espaços no âmbito esportivo, na sociedade, buscando seus direitos, sendo reconhecidas pelas suas habilidades, seu trabalho, lutando contra o machismo, racismo e assédio. Esses movimentos têm acontecido com um movimento de mão dupla. Empoderamento gera empoderamento, por conta disso e pela busca pela visibilidade cada vez mais, mulheres criam seus movimentos em prol de todas.

#RespeitaAsMina foi muito disseminado nas redes, sendo utilizado para denunciar questões de assédio no ambiente de trabalho contra o machismo, luta por igualdade na sociedade e inclusive no esporte. As Dibradoras¹, durante as olimpíadas de 2016 no Brasil, criaram a #MaisQueMusas, muito consumida nas redes sociais para destacar atletas que representam o país no evento, com foco principal na sua trajetória e desempenho no esporte e não na sua aparência física. Outro movimento importante foi o #DeixaElaTrabalhar, que trouxe à tona casos de assédio e machismo vivido por mulheres no jornalismo esportivo. O movimento surgiu após a repórter Bruna Dealtry, do Esporte Interativo, ser beijada à força por um torcedor enquanto estava ao vivo. Logo após, vários colegas se reuniram e lançaram a campanha com um vídeo contando relatos.

Com o tempo as pautas foram mudando, antigamente no futebol eram eleitas as musas, onde se exaltava a beleza das jogadoras, o que era quase um pré requisito para a participação no campeonato paulista. Evoluções foram ocorrendo nesse meio, e hoje em dia tudo isso é considerado um desrespeito e não é aceitável descrever a jogadora pelo seu aspecto físico.

¹ Dibradoras: Um canal de mídia e uma produtora de conteúdo que desde 2015 apresenta e representa o protagonismo feminino no esporte. Acesso em: <https://dibradoras.com.br/>

Os movimentos sociais são importantes para que se contribua com as mudanças, como esta Copa do Mundo e que a próxima seja de forma diferente. Se espera uma maior compreensão de como o futebol de mulheres se apresenta na mídia de hoje e para isso, é necessário um breve conhecimento de como as mídias e os esportes se relacionam.

2.4 COPA DO MUNDO DE FUTEBOL FEMININA

No início da década de 1970 as mulheres vinham ganhando visibilidade fora do país, quando o assunto era futebol feminino, porém era um cenário completamente diferente do presenciado no Brasil, tendo em visto que neste mesmo período as mulheres sofriam proibição.

Segundo Silva (2015), os anos 70 foram um marco para a prática esportiva realizada pelas mulheres no cenário mundial, pois neste período aconteceu a primeira Copa do Mundo de 24 Futebol Feminino. O evento ainda não era organizado pela FIFA e nem tinha reconhecimento da UEFA, porém contou com o apoio da Federação Européia de Futebol Feminino e serviu para pressionar a FIFA a ter olhos para o crescimento da prática.

Durante sua pesquisa, Silva (2015) reuniu registros de matérias publicadas em revistas como A Gazeta Esportiva, Folha e O Estado de S. Paulo, sobre a copa do mundo:

A notícia “futebol feminino ganha terreno: reunião da FIFA” é exemplar desse processo. O texto afirmava que a entidade reconhecia que a modalidade vinha sendo cada vez mais aceita “na Europa e em menor grau na Ásia”. Dizia, ainda, que apesar disso “para chegar a um desenvolvimento razoável ainda há um ‘longo caminho’”. Mesmo com certa cautela, essa foi a primeira demonstração de aceno da FIFA à integração do futebol feminino à sua oficialidade. Essa tendência manteve-se nos próximos anos da década de 1970, haja vista a notícia publicada logo em janeiro de 1971 no O Estado de S. Paulo. Sob o título “FIFA aprova”, dentre algumas resoluções da entidade, vinha a público uma menção ao estudo sobre a possibilidade de se incluir o futebol de mulheres no programa da entidade, contando com o apoio do governo da Alemanha e Inglaterra. (SILVA, 2015, p.46)

A FIFA demorou alguns anos até realmente se tornar a entidade organizadora e de fato realizar o evento. Uma curiosidade que poucos sabem é que a Federação estudava desde 1970 a possibilidade de realizar um evento no mesmo patamar, mas somente em 1991 que seu primeiro mundial oficial da FIFA foi concebido. Anteriormente, no ano de 1988, aconteceu o mundial experimental na China, com participação de 12 equipes, onde a seleção brasileira conquistou o terceiro lugar na competição.

No Grupo B, a Seleção estreou com derrota para a Austrália por 1 a 0. Mas logo se recuperou e terminou a primeira fase na liderança da chave, com vitórias por 2 a 1 e 9 a 0 sobre Noruega e Tailândia, respectivamente. Nas quartas de final, o Brasil derrotou

a Holanda por 2 a 1 e se encaminhou para um reencontro com a Noruega na semi. Dessa vez, porém, as nórdicas levaram a melhor e, com um triunfo por 2 a 1, avançaram para a decisão. Na disputa pelo terceiro lugar, o Brasil enfrentou as donas da casa. Após um empate sem gols no tempo normal, a Seleção derrotou a China nos pênaltis. (CBF, 2020)

Embora fosse realizado um esforço das jogadoras para que a modalidade fosse profissionalizada e reconhecida no país, na época o Brasil possuía regularmente a prática do futebol de mulheres. Para participar deste evento foi montada uma seleção com as jogadoras das principais equipes de futebol de mulheres do Brasil, principalmente do Esporte Clube Radar (CBF, 2020).

O evento é o mais importante da modalidade e ocorre a cada quatro anos, tendo em vista que já aconteceram oito edições apenas, desde sua criação. A primeira edição, sediada pela China, recebeu 12 seleções: China, Japão, Taipé Chinês, Nigéria, Brasil, Nova Zelândia, Dinamarca, Itália, Alemanha, Noruega, Suécia e Estados Unidos. A Seleção Norte-americana foi a primeira campeã mundial, vencendo a seleção norueguesa.

Atualmente, são 24 seleções classificadas para participar do mundial e tem se visto ao longo dos anos uma expansão do evento, o que vem gerando comentários a respeito do aumento das seleções participantes para 32 seleções, acontecendo já na edição de 2023.

O time brasileiro participou de todas as edições, conquistando medalha de bronze em 1999 e um vice-campeonato em 2007. Os Estados Unidos estiveram no pódio em todas as edições do evento, o país carrega o maior número de vitórias, com quatro medalhas de ouro, uma medalha de prata e três medalhas de bronze. Confira a tabela da competição abaixo:

TABELA 1 - Competição

ANO	SEDE	CAMPEÃO	FINAL	VICE-CAMPEÃO
1991	China	Estados Unidos	2-1	Noruega
1995	Suécia	Noruega	2-0	Alemanha
1999	Estados Unidos	Estados Unidos	5-4 (pen)	China
2003	Estados Unidos	Alemanha	2-1	Suécia
2007	China	Alemanha	2-0	Brasil
2011	Alemanha	Japão	3-1 (pen)	Estados Unidos
2015	Canadá	Estados Unidos	5-2	Japão
2019	França	Estados Unidos	2-0	Holanda
2023	Austrália e Nova Zelândia	?	?	?

Fonte: autora

2.4.1 COPA DO MUNDO DE FUTEBOL FEMININO DE 2019

A oitava edição do campeonato teve como país sede a França, que recebeu pela primeira vez a competição, sendo designada pela Federação Internacional de Futebol em uma reunião em março de 2015. O campeonato teve início no dia 07 de junho e encerrou em 7 de julho, totalizando uma passagem por onze cidades diferentes que tiveram a tarefa de receber as confederações.

Essa escolha foi iniciada ainda em 2014, quando a FIFA anunciou o começo da licitação para a Copa do Mundo Feminina de 2019. As associações membros interessadas em sediar o torneio tiveram que apresentar uma declaração até o dia 15 de abril de 2014 e fornecer o conjunto completo de documentos até outubro.

No momento em questão, a FIFA tinha como preferência realizar a Copa do Mundo de 2019 e a Copa do Mundo de Futebol Feminino Sub-20 de 2018 pela mesma associação membro, no entanto, as circunstâncias exigiam o contrário e a Federação se reservava no direito de atribuir a sede dos eventos em diferentes países.

Cinco países manifestaram interesse em sediar o evento, foram eles: África do Sul, Coreia do Sul, França, Inglaterra e Nova Zelândia. Em outubro de 2014, o número de licitações

de nações foi reduzido para duas e somente a Federação Francesa de Futebol e a Associação de Futebol da Coreia apresentaram os documentos oficiais.

Esse processo movimentou o meio futebolístico, a The Football Association e a New Zealand Football manifestaram interesse em abril de 2014, mas dois meses depois desistiram, assim como a Associação de Futebol da África do Sul que seguiu até a data limite mas se retirou antes do prazo final de outubro. Já a Associação de Futebol do Japão e a Associação Sueca de Futebol também possuíam interesse, mas o Japão optou por se concentrar na Copa do Mundo de Rugby de 2019, e nos Jogos Olímpicos e a Suécia nas competições europeias sub-17.

Foi em março de 2015 que a França foi anunciada oficialmente como sede da Copa do Mundo de Futebol Feminino de 2019 e a decisão foi tomada por intermédio de uma votação realizada pelo Comité Executivo da FIFA.

A escolha dos estádios para a semifinal e final foram disputados no Parc Olympique Lyonnais, em Lyon, com capacidade para 58 mil espectadores. Já seis partidas - sendo quatro na fase de grupos, uma nas oitavas e uma semifinal - ocorreram no Roazhon Park, em Rennes e o jogo de abertura foi no Parc des Princes, na fabulosa Paris.

Depois de decidido o país sede, as competições para qualificação das seleções para a Copa do Mundo de Futebol Feminino 2019 foram iniciadas, disputadas entre abril de 2017 e novembro de 2018. O resultado apontou 23 seleções mais a França. Além disso, em dezembro de 2018 a FIFA anunciou as árbitras e assistentes selecionadas para atuarem nos jogos do Mundial, escolhidas por meio da sua Comissão de Árbitros.

A competição foi vencida pela seleção dos Estados Unidos contra a Holanda, em uma final por 2-0. A vitória foi conquistada pela segunda vez consecutiva, tornando os Estados Unidos a segunda seleção desde a Alemanha em 2007 a defender com ênfase a taça.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

A Copa do Mundo de Futebol Feminino de 2019, foi a oitava edição do campeonato e teve como país sede a França, ocorrendo de 7 de junho até 7 de julho. Os Estados Unidos venceram os Países Baixos na final por 2 a 0 e conquistaram o campeonato, tornando-se a segunda seleção desde a Alemanha em 2007 a defender com sucesso o título.

Durante a competição, o time feminino dos Estados Unidos venceu a Tailândia por 13 a 0, registrando a maior vitória em diferença de gols na história da Copa do Mundo FM. Com dois gols marcados pelo Brasil, um no duelo contra a Austrália e outro contra a Itália, a jogadora Marta, chegou a marcar dezessete gols na história das Copas, superando o alemão Miroslav Klose, como a maior goleadora em mundiais. Marta tornou-se também a primeira, entre homens e mulheres, a marcar em cinco edições diferentes do torneio.

Para responder à questão central da pesquisa, que é o porquê da midiáticação em cima do esporte praticado pelas mulheres ser tão fraco, estabelecemos como objetivo central, analisar alguns aspectos como a equipe jornalística, as chamadas pré jogos e a audiência, encontrados nas coberturas jornalísticas da Copa do Mundo de Futebol Feminino de 2019, realizada pelos canais, Rede Globo e pelo SporTV.

Desse modo, a construção da análise é desenvolvida a partir da busca pelo contexto histórico das jogadoras de futebol no âmbito nacional, em seguida será identificado como os programas em questão realizam suas coberturas jornalísticas. Será feita também uma comparação a respeito da visibilidade prestada do futebol diante dos dois gêneros e mapeada as marcas da desvalorização no futebol feminino.

O estudo aborda uma análise quanti-qualitativa com o intuito de identificar as marcas que distinguem a cobertura tanto da Rede Globo, quanto da SporTV, sobre a Copa do Mundo de Futebol Feminino de 2019. A análise pondera sobre as abordagens, buscando identificar se existe alguma característica sexista e reflete sobre o espaço que é dado ao futebol masculino e feminino, diante do mesmo evento.

Para Bardin (1997), o conteúdo é analisado por meio de uma leitura profunda, o que permite a compreensão de determinados temas através das técnicas específicas, em busca de significados existentes atrás das palavras.

Para Ikeda e Chang (2005), a interpretação revela que as peças analisadas mostram muito mais do que um simples anúncio de cursos superiores, ela se trata de um material repleto de significados implícitos e não manifestos, que são descobertos quando se recusa uma primeira

interpretação, buscando justamente o que está por trás dela, ou seja, as causas e consequências da comunicação.

3.1 REDE GLOBO

A TV Globo é uma rede de televisão brasileira e aberta, assistida por mais de 200 milhões de pessoas diariamente, tanto no país como no exterior. A pesquisa é realizada por meio de análise de conteúdo, primeiramente com uma revisão literária sobre Jornalismo Esportivo, contextualizando com o Telejornalismo, os contrapontos entre a rede aberta de televisão e a privada e como a mídia relaciona e provoca a inserção da mulher no esporte.

A segunda parte da pesquisa será dedicada a Copa do Mundo de Futebol Feminino, com foco na oitava edição, ocorrida em 2019. Será realizado um estudo e uma análise das informações sobre o evento, com o objetivo de direcionar a pesquisa aos resultados do problema em questão.

Caracterizada pelas maiores produções teledramaturgias do mundo, possui 122 emissoras próprias e afiliadas no país. Além de disponibilizar sinal via internet na Globoplay.

A emissora tem como principal telejornal esportivo o Globo Esporte, que redireciona todas as principais coberturas ligadas a área.

3.1.1 GLOBO ESPORTE

O Globo Esporte teve sua criação em 14 de agosto de 1978, exibido nas tardes de segunda-feira a sábado. O programa entrou no lugar do Copa Brasil, com o intuito de ampliar o espaço para falar das notícias de todas as modalidades esportivas.

De início contou com a apresentação de Léo Batista e desde então recebeu nomes de peso e respeito no âmbito do jornalismo esportivo, como Fernando Vanucci, Galvão Bueno, Cleber Machado, Isabela Scalabrini, Fernando Sasso, Natan Oliveira, Paulo Brito, Sérgio Ewerthon, Oliveira Andrade, Debora Menezes, Tino Marcos, Glenda Kozlowski e outros.

O programa ainda elaborou 15 edições próprias para abranger as demais regiões do país, com uma edição de rede gravada e gerada pela Globo no Rio de Janeiro para todo o Brasil, com produções no Distrito Federal; São Paulo; Amazonas; Roraima; Acre; Mato Grosso do Sul; Mato Grosso do Norte; Minas Gerais; Rio Grande do Sul; Paraná; Pernambuco; Pará; Bahia; Ceará; Goiás; Santa Catarina e Maranhão. Sendo reservado o primeiro bloco da grade de programação nacional e o restante das programações das emissoras locais.

Desde o fim de 2010, a emissora vinha exibindo, eventualmente, uma edição somente para a região metropolitana do Rio de Janeiro e, em 3 de janeiro de 2011, os fluminenses

ganharam de vez uma edição exclusiva onde exibiu o primeiro conteúdo em alta definição (HD) da história. São Paulo e Minas Gerais também possui suas próprias edições exibidas pelas respectivas filiais. Esse esquema voltou a ser utilizado no ano de 2009, após o jornal ter sido apresentado em 2008 para todo o país, nas semanas que antecederam a Copa do Mundo FIFA 2010.

A edição nacional é gravada no mesmo estúdio da edição local para a região Metropolitana do RJ, que é ao vivo e aos sábados também. A edição do Globo Esporte RJ é retransmitida para todo o estado. Algumas praças não tem sequer um bloco local próprio e assistem a íntegra da edição nacional.

No plantão de fim de ano da TV Globo, em meio a semana de Natal e Ano Novo, o programa é o único a ser exibido para o país inteiro.

Por um tempo quem esteve no comando foi o famoso Tiago Leifert, como apresentador titular da edição paulista e que só se ausentou para abraçar outros projetos na emissora. Na edição fluminense, Cristiane Dias comanda o programa e Alex Escobar se torna o apresentador da versão nacional. Desde a saída de Marcos Leandro, a edição mineira não teve mais um apresentador fixo.

Em 2014, a edição goiana teve apresentação por Thaís Freitas e passou a ser a décima segunda edição totalmente regional, sem exibição da parte da programação nacional. Já em 2015, após seis anos com Tiago Leifert o cargo da edição paulista passa a ser de Ivan Moré que até então estava no Esporte Espetacular. Mudanças assim também ocorreram na edição carioca com Fernanda Gentil ocupando o lugar de Alex Escobar, que vai para o lugar de Ivan.

Em 3 de junho de 2019, Felipe Andreoli estreia no GE SP no lugar de Ivan que vai embora da emissora e dá o lugar para o Lucas Gutierrez no Esporte Espetacular. Ainda no mesmo ano, o programa ganha novo cenário nas edições do RJ, SP, DF e PE seguindo os moldes do cenário que havia estreado em 5 de agosto do mesmo ano na Globo Minas.

Entre 17 de março até 1 de agosto de 2020, a exibição do programa foi suspensa por conta dos ajustes na programação, devido à pandemia de COVID-19. Para tanto, o noticiário esportivo foi incorporado a edição da tarde do *Praça TV*, com os repórteres esportivos da Globo participando dos telejornais locais.

3.1.2 GE portal

Com o avanço das tecnologias a emissora viu a necessidade de levar a notícia que antes era vista apenas no programa para outras plataformas. Sendo assim, nasceu o portal de notícias de esporte brasileiro mantido pelo Globo.com, do Grupo Globo e sob orientação da Rede Globo.

Foi lançado em 2003, como nome EsportenaGlobo.com.br e renomeado em 2005 para Globoesporte.com. O portal disponibiliza conteúdo de jornalismo esportivo das empresas do Grupo Globo (TV Globo, SporTV, Premiere, Combate, rádios CBN e Globo, além de conteúdos próprios de reportagens em texto, foto, áudio, vídeo e transmissões ao vivo.

A página conta com o apoio de 5 redações próprias situadas no Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Brasília e Recife, além das afiliadas da Rede Globo, rádios, jornais, revistas e agências de notícias.

O portal tem como principal segmento o Tempo Real, que faz transmissões de partidas e eventos ao vivo, usando narrações próprias. No fim de 2010 assim como o site de notícias gerais G1, passa a ter páginas locais, noticiando o conteúdo esportivo local, com apoio das afiliadas Globo.

Em 2019, o portal passa a fazer os pós-jogos da rodada com a participação das equipes de transmissão da TV com as análises e entrevistas. Também no mesmo ano, o site passa a ter um serviço de Podcasts com os integrantes do Esporte na Globo, falando sobre os importantes assuntos do mundo esportivo. Também é acessado na versão mobile e em aplicativos como Android. Em julho de 2020, passou a se chamar GE, passando a abrigar mais conteúdo sobre esportes.

3.2 SPORTV

O SporTV é um canal de televisão brasileiro por assinatura. Lançado em 19 de outubro de 1991 sob o nome de Top Sport, alterado em 1994 para o nome que permanece até hoje. Além disso, o canal possui dois canais irmãos, o SporTV 2 e SporTV 3 - canais que também possuem uma programação 24h veiculando materiais esportivos.

Atualmente, o canal transmite mais de dois mil eventos esportivos por ano, de todas as modalidades do mundo todo. Um outro diferencial são as mesas redondas e os programas de debate, seguindo os jogos/ campeonatos, onde unem-se jornalistas, atletas e comentaristas, para debaterem sobre o pré-jogo, o evento ao vivo e os pós jogo.

O canal pertence ao Grupo Globo, sendo o líder de audiência entre os canais esportivos do Brasil, estando à frente do Fox Sports, da ESPN Brasil e da BandSports.

Junto com a antiga Globosat e seus três canais irmãos, Rede Telecine, GNT e Multishow - cujo possuem em alta até hoje. O canal esportivo atuava como o principal interlocutor de programas da rede de canais dos Estados Unidos, Prime Network, pertencente a Liberty Media.

O primeiro programa foi estreado um ano após o lançamento do canal, intitulado como original 360° apresentado por Glenda Kozlowski. A atração teve duração de quarenta minutos e surgiu de uma ideia da Globosat em elaborar um produto que trata-se de esporte num contexto geral.

Em 1993, foi anunciada uma parceria com a TV Globo, Rede Bandeirantes e Globosat para criar o canal Esporte Brasil, que seria lançado em 1º de janeiro de 1994. Com isso, a transmissão seria 24 horas por dia, com jornalistas e técnicos de ambas emissoras abertas para reforçar o casting do novo canal.

Foi seguido o exemplo da ESPN, que já fazia coberturas de eventos esportivos, mas somente eventos internacionais, vindo de seu canal-mãe dos Estados Unidos. O diferencial neste caso, seria que o canal recém-criado iria transmitir competições sediadas no Brasil, com dois canais da TV aberta que detinham grande parte das transmissões esportivas transmitidas já no país. A Band, por falta de orçamento, optou por se retirar do negócio logo em seguida.

Ao longo da jornada do SporTV, o canal se viu em situações como quando acontecia mais de um jogo no mesmo horário. Para sanar esse problema, alguns jogos eram transmitidos no GNT e no Multishow. Esse formato durou até 1997, quando foi criado o Premiere, o primeiro canal pay-per-view da TV brasileira. Até 2003, o canal transmitia eventos realizados no mesmo horário em dois sinais, um no canal principal e outro no canal local, disponibilizado pelas operadoras.

Nesse mesmo ano, o canal deixou de exibir programadas produzidos por produtoras independentes e passou a ter conteúdo produzido pelo Esporte da TV Globo, incluindo entrada de nomes da emissora aberta, como Galvão Bueno, Cleber Machado e Luis Roberto. Estrearam programas como Bem Amigos!, Arena SporTV e Redação SporTV, além do Linha de Chegada, Brasil em Campo e demais.

Já em 2017, o canal começou a transmitir somente futebol. Com isso, o SporTV News passou o SporTV 2. O objetivo das mudanças era aumentar a audiência dos três canais. Em fevereiro de 2018, o canal anunciou a contratação do narrador Gustavo Villani, que estava na Fox Sports.

Já em 2018, o canal estreou uma programação com programas como o Baú do Esporte, trocas no comando do Redação SporTV e Seleção SporTV, além de estreiar um novo cenário pensando nas inovações.

3.3.1 EVENTOS TRANSMITIDOS PELO SPORTV

Futebol

Clubes

- Copa do Mundo de Clubes da FIFA
- Brasileirão Série A (2 jogos por rodada)
- Brasileirão Série B (de 2 a 5 jogos por rodada)
- Copa do Brasil
- Supercopa do Brasil
- Campeonato Gaúcho
- Campeonato Mineiro
- Campeonato Paulista
- Campeonato Paulista Série A2
- Campeonato Pernambucano
- Campeonato Brasileiro Feminino A1
- Campeonato Brasileiro Feminino A2
- Campeonato Paulista Feminino
- Brasileirão Sub-20
- Brasileirão Sub-17
- Copa do Brasil Sub-20
- Copa do Brasil Sub-17
- Copa São Paulo de Futebol Júnior
- Copa RS de Futebol Júnior
- Taça BH

Seleções

- Copa do Mundo FIFA
- UEFA Euro
- Eliminatórias da Copa do Mundo FIFA (CONMEBOL)
- Copa do Mundo de Futebol Sub-20

- Copa do Mundo de Futebol Sub-17
- Copa do Mundo de Futebol Feminino
- Copa do Mundo de Futebol Feminino Sub-20
- Copa do Mundo de Futebol Feminino Sub-17

Atletismo

- Diamond League
- Campeonato Mundial de Atletismo
- Grande Prêmio Brasil Caixa de Atletismo
- Campeonato Mundial de Atletismo em Pista Coberta

Basquete

Clubes

- NBA
- Liga Sul-Americana de Basquete

Seleções

- Campeonato Mundial de Basquete Masculino
- Campeonato Mundial de Basquete Feminino
- Copa América de Basquete Feminino
- Eliminatórias da Copa do Mundo

Curling

- Campeonato Mundial de Curling

E-Sports

- ESL One (Dota 2, Counter-Strike: Global Offensive)
- Campeonato Brasileiro de Counter-Strike (CBCS)
- Campeonato Brasileiro de League of Legends (CBLOL)
- League of Legends World Championship
- Liga Brasileira de Free Fire (LBFF)
- Taça das Favelas Free Fire

Esportes a motor

- Formula E
- Stock Car Pro Series

- Porsche Cup Brasil
- Copa Truck
- Extreme E
- W Series

Futebol de areia

- Mundialito de Clubes

Futsal

Clubes

- Copa Intercontinental de Futsal
- Liga Nacional de Futsal

Seleções

- Copa do Mundo de Futsal
- Grand Prix de Futsal
- Eurocopa de Futsal

Ginástica

- Campeonato Mundial de Ginástica Artística
- Copa do Mundo de Ginástica Artística
- Campeonato Mundial de Ginástica Rítmica
- Campeonato Mundial de Ginástica de Trampolim
- PanAmericano de ginástica artística

Handebol

- Liga Nacional de Handebol Masculino
- Liga Nacional de Handebol Feminino
- Copa Do Mundo de Handebol Masculino
- Copa Do Mundo de Handebol Feminino

Hóquei de Gelo

- Campeonato Mundial de Hóquei no Gelo

Judô

- Grand Prix de Judô
- Campeonato Mundial de Judô

MMA

- UFC (card preliminar e 3 cards principais por ano)

Multiesportivos

- Jogos Olímpicos de Verão
- Jogos Olímpicos de Inverno
- Jogos Pan-Americanos
- Jogos Parapan-Americanos
- Jogos Paralímpicos de Verão
- Jogos Paralímpicos de Inverno

Natação

- International Swimming League

Skate

- Red Bull Paris Conquest
- Street League Skateboarding

Tênis

- Wimbledon
- US Open
- Roland Garros
- Rio Open

Voleibol**Clubes**

- Superliga Brasileira de Voleibol Masculino - Série A
- Superliga Brasileira de Voleibol Feminino - Série A
- Campeonato Carioca de Voleibol Masculino
- Campeonato Carioca de Voleibol Feminino
- Campeonato Paulista de Voleibol Masculino
- Campeonato Paulista de Voleibol Feminino

Seleções

- Campeonato Mundial de Voleibol Masculino
- Campeonato Mundial de Voleibol Feminino

- Copa do Mundo de Voleibol
- Liga das Nações de Voleibol Masculino
- Liga das Nações de Voleibol Feminino
- Campeonato Sul-Americano de Voleibol

Voleibol de Praia

- Campeonato Mundial de Vôlei de Praia
- Circuito Mundial de Vôlei de Praia
- Circuito Brasileiro de Vôlei de Praia

3.2.2 CANAIS SECUNDÁRIOS

SporTV 2

Lançado em dezembro de 2003, reexibindo os eventos de futebol transmitidos pelo canal principal, além de transmitir competições simultâneas ao vivo, focando chamados “Outros esportes” como automobilismo, basquetebol, desportos aquáticos e voleibol.

Ao longo do tempo, reprisava programas do SporTV e retransmitia programas esportivos da Rede Globo, no caso, o Globo Esporte do Rio de Janeiro e de São Paulo, o Auto Esporte e o Esporte Espetacular, reapresentado em “drops” do bloco #VcCurte no SporTV.

SporTV 3

O canal foi lançado no segundo semestre de 2011, se tornando o terceiro canal do SporTV com o intuito de ampliar os eventos e as modalidades. O canal iniciou as transmissões em 1º de outubro de 2011.

O terceiro canal exibe eventos ao vivo, além de reapresentar o mesmo conteúdo dos seus canais-irmãos e também passa jogos, mas tem como principal destaque as competições de tênis e e-Sports.

Em 2015 estreou a versão HD do canal pela Sky, seguida pela NET.

SporTV 4

O SporTV 4 foi um canal temporário pertencente a Globosat e ficou no ar durante os Jogos Olímpicos de Londres em 2012. O canal serviu de auxiliar nas coberturas dos jogos para os canais SporTV e saiu do ar ao fim da Olimpíada. Em 2016 retornou para realizar a cobertura dos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro.

É o principal canal dentre os temporários lançados, chamado em 2016 de “Canal 24 Horas”, durante os jogos serviu como um guia para anunciar os jogos transmitidos no SporTV 5 ao SporTV 16. Antes do início da Olimpíada, o canal exibe documentários sobre a história das modalidades esportivas.

A Paralimpíada do Rio de Janeiro de 2016 também foi transmitida pelo canal auxiliar e em 2021 os Jogos Olímpicos de Tóquio, o canal foi relançado para complementar a cobertura do evento na TV, sem contar os 45 sinais disponibilizados na internet e a transmissão pelo GloboPlay.

SporTV 5 ao SporTV 16

Foram lançados nas Olimpíadas de 2012 servindo de canais auxiliares na cobertura dos jogos, em exibição temporária. Nos dias em que ocorreram os Jogos Olímpicos de 2016, no RJ, o SporTV fez a sua cobertura em 16 canais, sendo 13 temporários. Cada canal exibia um tipo de modalidade, tudo isso sem contar os 56 canais que o canal usou na internet para transmitir 100% dos jogos.

SporTV +

Lançado durante os Jogos Olímpicos de Verão de 2020, disponibilizando 43 canais exclusivos para as transmissões das competições, com sinal gerado da Olympic Broadcasting Services (OBS) sem apresentar locução. Os sinais foram disponibilizados gratuitamente na plataforma Globoplay para assinantes do Globoplay + canais ao vivo e para clientes da Claro TV e Vivo TV.

4 ANÁLISE DAS COBERTURAS

A análise foi realizada diante da cobertura que a Globo e a SporTV realizaram para fazer uma comparação entre a cobertura dos mesmos jogos com a cobertura.

Confira abaixo a tabela dos jogos:

Tabela 2: Tabela dos jogos da Copa do Mundo 2019.

Fase de Grupos			
09/06/2019	Brasil	3X0	Jamaica
13/06/2019	Austrália	3X2	Brasil
18/06/2019	Itália	0X1	Brasil
Oitavas de Final			
23/06/2019	França	2X1	Brasil
Final			
07/07/2019	Estados Unidos	2X0	Holanda

Fonte: Autora

Para compreender como foi realizada a cobertura dos dois canais, foi observado o processo que ambos tiveram com o evento, desde espaço de visibilidade até a escolha pelos narradores e comentaristas nas partidas. Com isso foram coletados dados disponibilizados pelos canais, informações, interação do público, notícias e fatores de audiência.

Foi apenas em 2019, que a Globo transmitiu o campeonato pela primeira vez na história da Copa do Mundo Feminina e a SporTV, que em 2015 havia transmitido 23 partidas da copa, elevou a quantidade de transmissões para 48, cobrindo quase 100% do evento em 2019. Tendo em vista que a competição existe desde 1991, e assim como o torneio masculino, acontece de quatro em quatro anos. O evento realizado pelas mulheres foi ignorado por muitos anos pela maioria dos veículos tradicionais da mídia e somente em 2015, na penúltima edição que a SporTV e a TV Brasil transmitiram os jogos, sendo apenas da seleção brasileira.

A iniciativa, em 2019, foi desenvolvida pensando em realizar uma cobertura mais produzida no Brasil, porém foi possível identificar ainda grandes diferenças e em um nível inferior ao da copa masculina. A Rede Globo e o site do Globoesporte.com transmitiram apenas aos jogos da Seleção Brasileira e já a SporTV, realizou uma transmissão das partidas de todas as seleções e uma cobertura do evento inteiro - porém apenas para os assinantes. Com base nisso, a análise será dada apenas aos jogos da Seleção Brasileira e da final do evento, já que foram apenas esses que a Rede Globo transmitiu.

No total foram quatro jogos disputados pelas jogadoras brasileiras durante a competição, dando a chance de mostrarem seu trabalho na fase de grupos e se despedindo após uma derrota para a França, nas oitavas de final. O Brasil, teve sua estreia no Mundial de 2019, no dia 09 de junho de 2019, em Grenoble, um jogo caracterizado pela passagem de bastão na seleção brasileira e do show de uma das principais atletas da história do futebol feminino no país.

O primeiro jogo teve a ausência da jogadora Marta, que lesionada teve que ficar de fora, no entanto coube a artilheira Cristiane mostrar todo o seu potencial, no evento que seria seu último Mundial. Cristiane com a camisa 11 brilhou com uma grande atuação, a atleta marcou três gols e deu a vitória a seleção feminina, logo na partida de estreia. O jogo foi finalizado com 3 a 0, sobre a Jamaica.

Cristiane, que esteve fora da Olimpíada de 2016, no Rio de Janeiro, carregou o Mundial de 2019 com um sentimento de despedida, já que com 34 anos (em 2019) queria focar na sua vida particular e projetos pessoais. A atleta causou tanto alvoroço na partida, deixando a zaga adversária com um grande trabalho de atuação. O primeiro gol foi logo feito de cabeça, o segundo mostrando oportunismo e aproveitando a sobra de bola e o terceiro, foi de “bomba” realizado em uma cobrança de falta. Com um show de futebol, a atleta ao final ainda pediu música no Fantástico, já que sempre que é realizado um hat-trick (três gols pelo mesmo jogador), ele tem o direito de pedir música.

Já no segundo jogo da seleção feminina contra a Austrália, em Montpellier, teve como característica o retorno de Marta. A craque e a artilheira Cristiane abriram o placar com 2 x 0 no primeiro tempo, porém o time adversário virou o placar, ganhando das brasileiras por 3 x 2, garantindo o triunfo australiano pelo Grupo C da Copa do Mundo Feminina.

O Brasil conquistou a classificação na Copa durante o terceiro jogo, em Valenciennes, disputado com a seleção da Itália, em um placar de 1 x 0. O jogo além de garantir a ida da seleção para as oitavas de final, concedeu a Marta o título de maior artilheira da competição, entre homens e mulheres. A camisa 10 marcou de pênalti, superando Klose ao chegar aos 17 gols na história do torneio.

A seleção brasileira chegou até as oitavas de final, onde lutou até seu último respiro levando a anfitriã e favorita França, até a prorrogação. Foram 90 minutos de jogo equilibrado, com boa marcação e neutralização das principais jogadas da França contra o Brasil, no entanto, o cansaço e os desfalques desestabilizaram o time brasileiro que acabou encerrando sua caminhada até a taça mundial, no dia 26 de junho.

O canal do SporTV seguiu dando continuidade na cobertura da competição, mas a Globo encerrou no jogo em que a seleção brasileira é eliminada e retornou apenas no dia 07 de julho

para transmitir ao vivo a final entre Estados Unidos x Holanda. A seleção americana levou o tetra da Copa do Mundo feminina de 2019 e este resultado não foi tão fácil. No início do jogo a Holanda mudou a disposição tática de três jogadoras, se fechou na defesa e impôs dificuldades ao setor de criação norte-americano. Foi somente no segundo, com um pênalti de Van der Gragt em Morgan, convertido por Rapinoe, que quebrou o equilíbrio da partida. Em seguida, Lavelle marcou o segundo e iniciou-se um verdadeiro ataque contra defesa. O time holandês se jogou ao ataque e se expôs na defesa, mas não esperavam uma atuação grandiosa de Van Veenendaal, que defendia todas na goleira americana.

As americanas então ergueram a taça e comemoraram o título, sendo o quarto da história. Já as oponentes, ficaram com o segundo lugar, a sua melhor participação em Copas.

4.1 EQUIPE DE TRANSMISSÃO

Como é de entendimento do estudo, os canais analisados, Rede Globo e Sportv, fazem parte da mesma rede televisiva, neste caso, trabalham em conjunto um com o outro. A diferença é que a Rede Globo disponibiliza conteúdos abertos ao público e o SporTV além de ter um conteúdo direcionado somente ao esporte, é disponibilizado apenas em formato privado.

Sendo assim, para a cobertura da Copa do Mundo de Futebol Feminino de 2019, os canais decidiram deixar o comando do evento nas mãos de jornalistas mulheres para darem conta do recado. A jornalista que esteve por muitos anos à frente do Esporte Espetacular da Globo, Carol Barcellos, foi encaminhada para França para acompanhar o dia a dia da seleção, direto do país sede. A jornalista realiza matérias para ambos os canais e geralmente, entrava ao vivo nos jornais da Globo para passar as últimas notícias da Copa e do time brasileiro.

Já o SporTV contratou a ex-futebolista profissional brasileira e conhecida como rainha das embaixadinhas, Milene Domingues, para compor o time de comentaristas dos jogos da Copa. A prática de selecionar, além de jornalistas, mas também atletas e especialistas em esportes para compor a bancada de comentaristas é comum há algum tempo. Essa ideia surgiu da visão de serem compartilhadas opiniões de quem também um dia realizou o esporte esportivo em debate, dando assim, um outro olhar ao espectador e não apenas o técnico ou informático.

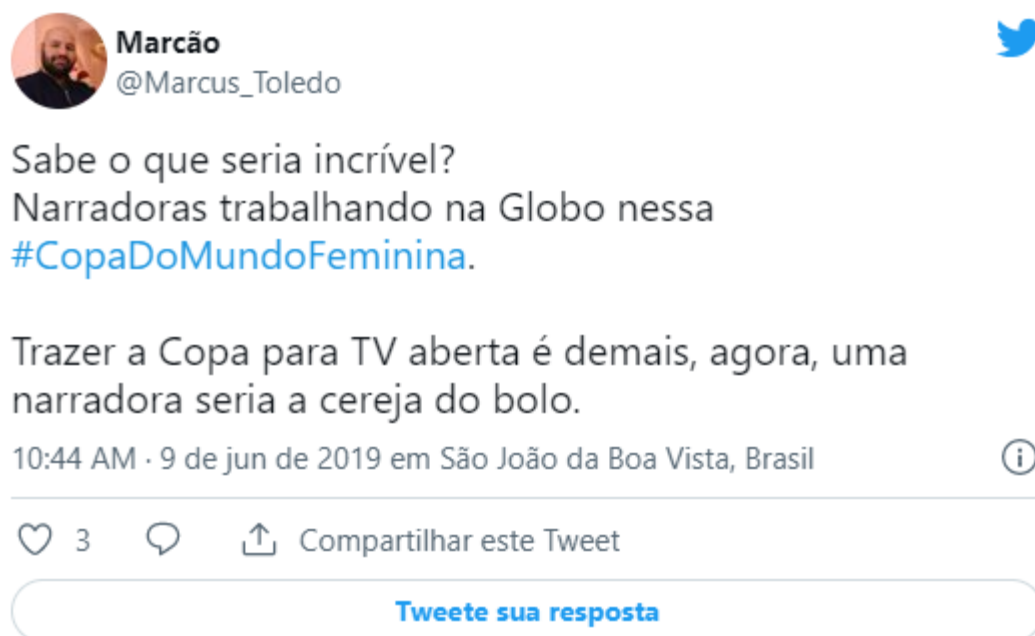
Deslocada do SporTV durante o Mundial feminino, a jornalista, comentarista esportiva e apresentadora, Ana Thaís Matos, migrou para a Globo para, ao lado de Caio Ribeiro, comentar sobre os jogos da seleção feminina.

A Globo, que apostou na cobertura do Mundial já que realizava pela primeira vez a transmissão ao vivo do campeonato, não enviou uma equipe de Cabine para a narração dos

jogos e deixou a cargo dos jornalistas que permaneceram no país para realizar essa função. Além da Globo e SporTV, que também realizou a transmissão e cobertura das partidas foi a Band. Porém, mesmo com o aumento da visibilidade em campo, é possível ver um grande contraste dentro das equipes de transmissão.

Ao todo, foram 38 profissionais, jornalistas brasileiros, entre narradores, comentaristas e repórteres para conduzirem as informações sobre a Copa do Mundo de Futebol Feminino de 2019. Desses profissionais, 31 são homens e apenas 7 são mulheres, realizando a mesma função, designando o mesmo papel, diante de um evento que é realizado com a força da sociedade do sexo feminino. Essa indignação virou motivo de repúdio quando o maior narrador do país, Galvão Bueno, foi anunciado como o narrador dos jogos do Mundial pela Globo. Esta ausência de mulheres na narração da Copa do Mundo feminina gerou críticas nas redes sociais.

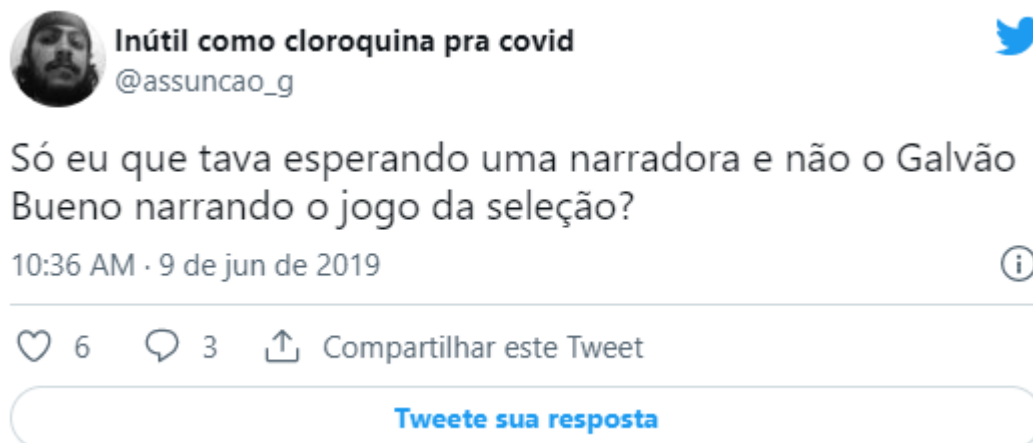
Figura 1 - Print twitter afirmação sobre narradores da Copa Feminina 2019



No Twitter, telespectador fala sobre como seria incrível o trabalho de narrados na Globo.

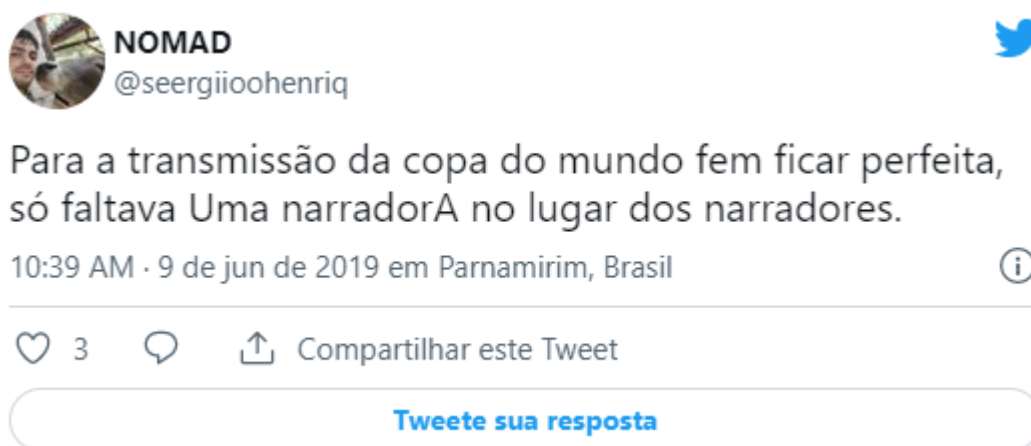
Fonte: Twitter, 9 de junho de 2019

Figura 2 - Print twitter sobre escolha de Galvão Bueno como narrador



No Twitter, telespectador exalta desgosto por Galvão Bueno. Fonte: Twitter, 9 de junho de 2019.

Figura 3 - Print twitter sobre transmissão



Reclamação no Twitter, para uma narradora atuar na copa Fonte: Twitter, 9 de junho de 2019.

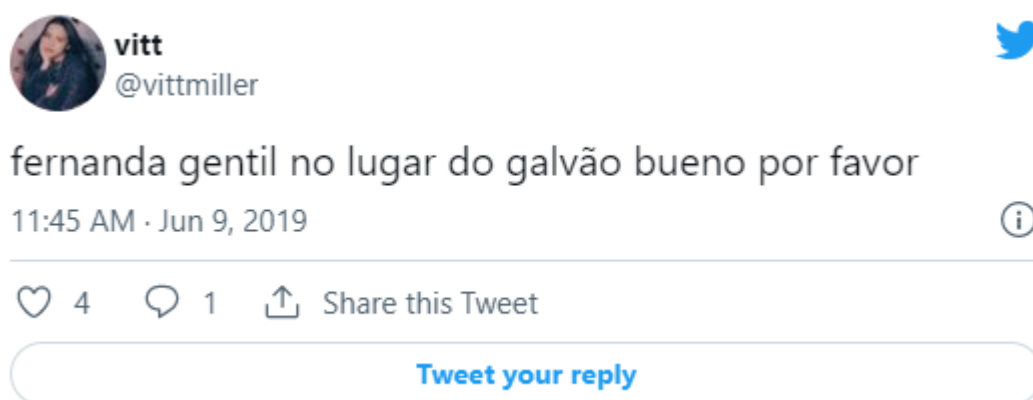
Embora possuam mulheres comentaristas, todos os narradores das maiores emissoras do país são homens. O SporTV possuía dez comentaristas homens e duas mulheres fixas, estavam com a equipe, além de Milene Domingues, a repórter Najda Mauad. O narrador Galvão Bueno protagonizou alguns momentos na transmissão de Brasil e Jamaica, o primeiro jogo da fase de grupos disputado pela seleção brasileira.

Nas redes sociais, os telespectadores reclamaram como o jornalista se portava ao narrar, alguns questionavam o modo muito didático que o narrador usava para explicar os lances da partida, dando a entender que por se tratar de mulheres, elas saberiam menos. Outros se

chatearam quando ele disse seu bordão inicial: “Apita o árbitro”, sendo que na verdade o jogo estava sendo apitado por uma árbitra.

Os comentários machistas continuaram, embora não esteja sendo analisado na pesquisa em questão, é importante citar que o SporTV que narrou os demais jogos do Mundial também falhou nos comentários indesejados. No jogo entre Austrália e Itália, a equipe de comentaristas usou da aparência das jogadoras para relacionar com sua atuação em campo. “Além de ser excelente goleira, ela tem potencial para ser musa da Copa”, afirmou Maurício Noriega. O comentário foi apoiado pelo colega de transmissão, Jota Júnior que comentou: "Certeza que vai pintar um concurso de mais bela. Nada mais justo. Mulheres bonitas têm que se valorizadas”.

Figura 4 - Print twitter solicitando Fernanda Gentil



Pedido para Fernando Gentil realizar narração da Copa 2019 no Twitter. Fonte: Twitter, 9 de junho de 2019.

Após o descontentamento do público em relação ao papel exercido por Galvão Bueno que estava acompanhado por Ana Thaís Matos e Caio Ribeiro, no primeiro jogo da seleção brasileira no Mundial. Os narradores Cléber Machado e Luis Roberto foram escalados para os demais jogos da seleção na fase de grupos e a final do mundial. Ao lado de Carol Barcellos na França, Lizandra Trindade também fazia o apanhado das informações sobre a Copa e as atletas brasileiras, enquanto Raphael de Angelis e Guido Nunes noticiavam sobre as demais equipes.

A Rede Globo chegou a ter planos de montar uma equipe integral de mulheres para atuação na transmissão da Copa do Mundo Feminina, mas a ideia não foi desenvolvida porque a jornalista Glenda Kozlowski informou que não queria narrar os jogos, de acordo com o portal Notícias da TV. Em entrevista, a jornalista fala sobre feminismo no Rio2C, maior evento do mercado audiovisual brasileiro, Glenda explica não querer fazer futebol e que motivos para a

escolha também se baseavam em frustrações diante da repercussão negativa dos Jogos Olímpicos de 2016, quando transmitiu a ginástica artística.

4.2 CHAMADAS PRÉ JOGO

Para que se tenha conhecimento de qual jogo será transmitido e o horário correto, os canais costumam realizar suas chamadas para alertar aos torcedores. Cada canal possui um modelo de realizar e um tempo específico de liberar em meio às demais programações, a Globo tem costume de anunciar de três a quatro dias antes dos jogos sua chamada, já o SporTV que transmite mais jogos que o canal aberto costuma soltar as chamadas no máximo um dia antes.

As chamadas realizadas para os jogos da Copa do Mundo de Futebol Feminino foram analisadas. Tanto a Globo como a SporTV realizaram chamadas para comunicar aos telespectadores sobre o primeiro jogo da seleção brasileira. A Globo produziu um VT de 1 minuto e 3 segundos, retratando os períodos vividos pelas mulheres, suas revoluções, conquista de seus direitos e lutas pela liberdade e na voz das jogadoras da seleção, grita-se que ainda é pouco. A chamada da Globo tentou passar o poder das mulheres que naquele momento, iam em busca da maior glória do esporte, a taça. Além disso, as jornalistas dentro de campo ressaltam ser a primeira transmissão realizada pela Globo e instigam o público para acompanhar.

Figura 5 - 1º Chamada TV Globo



1º Chamada jogo da seleção, na TV Globo. Fonte: Youtube, 9 de junho de 2019.

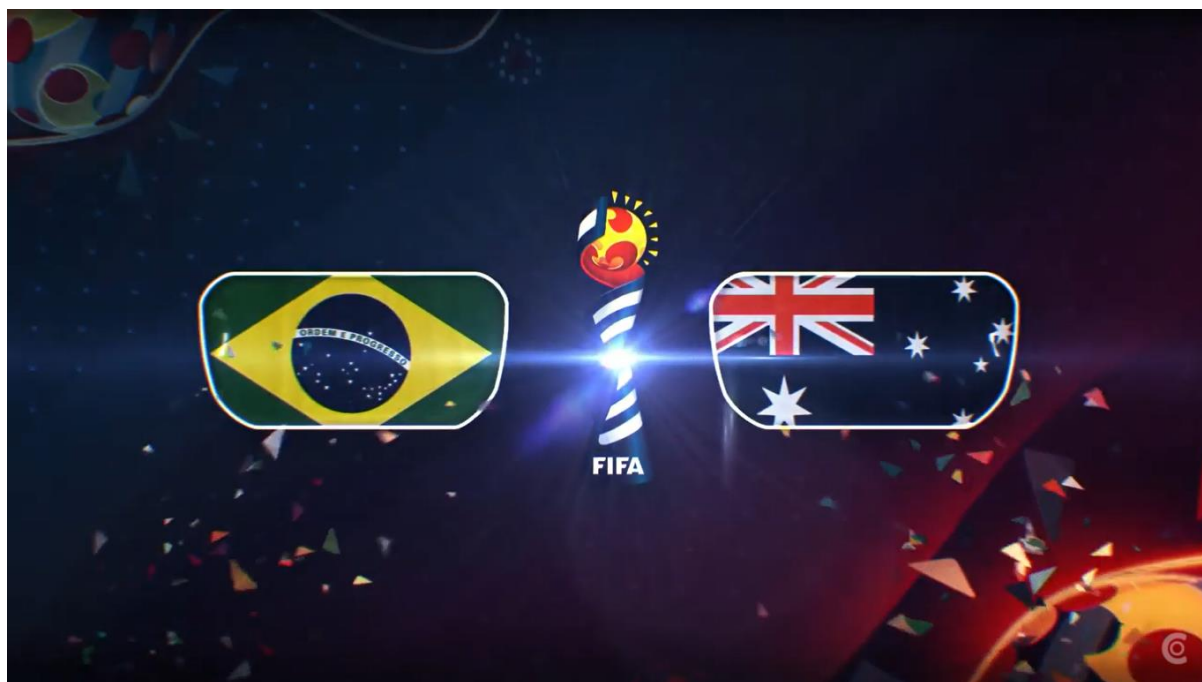
Já a chamada para o mesmo jogo, realizada pela SporTV possui apenas 30 segundos, ela tem como foco principal anunciar o início da Copa e do jogo realizado pela seleção brasileira. No vídeo o canal faz um chamado a torcida que fica nítido na chamada ser o ponto alvo da Copa, além de frisar o apoio ao time e a busca pela taça.

Figura 6 - 1º Chamada SporTV



1º Chamada do jogo da seleção, na SporTV. Fonte: Youtube, 9 de junho de 2019.

A chamada da Globo para o segundo jogo que o Brasil enfrentou a Austrália, seguiu retratando a luta das mulheres pelo espaço de jogo com foco no bom desempenho da seleção feminina no primeiro jogo e um chamado para o próximo. A terceira chamada do canal, já faz um apanhado do jogo em que o Brasil perdeu para a Austrália e ressalta que a luta não seria fácil e ao mesmo tempo, fortalecendo a equipe ao apoiar o próximo jogo contra a Itália.

Figura 7 - 2º Chamada TV Globo

Segunda chamada da TV Globo. Fonte: Youtube, 13 de junho de 2019

Já quando a equipe chega às oitavas de final a Globo faz uma chamada mais motivadora, buscando desejar força para a seleção. A chamada começa com uma narração usando os termos *Inspiradoras*, *Determinadas*, *Heróicas* para se referir às jogadoras que deram a volta por cima e chegaram até as oitavas de final. No momento também anuncia o jogo contra a França, as donas da casa e o time favorito a erguer a taça do Mundial

Figura 8 - 3º Chamada TV Globo



Terceira chamada da TV Globo Fonte: Youtube, 18 de junho de 2019

O SporTV segue fazendo as chamadas mais simples, de 30 segundos para anunciar as partidas que seriam as próximas. No entanto, começa a realizar VTs curtos também para anunciar a transmissão dos jogos, porém puxando o viés de viabilizar o trabalho das atletas. Como por exemplo, as duas chamadas (abaixo) da Debinha e da Formiga, atletas que possuíam forte desempenho no campeonato. No vídeo, fala-se um pouco de cada uma, elevando o trabalho das jogadoras e desejando sorte, além de realizar a chamada para seguir acompanhando a seleção pelo canal.

Figura 9 - VT sobre atletas Debinha



VT sobre atletas na SporTV Fonte: Youtube

Figura 10 - VT sobre atletas Formiga



VT sobre atletas na SporTV Fonte: Youtube

Tanto para a Globo como para o SporTV as chamadas permaneceram as mesmas para a final do campeonato, embora não houvesse a seleção feminina os VTs foram desenvolvidos para o anúncio da transmissão dos jogos.

4.3 AUDIÊNCIA

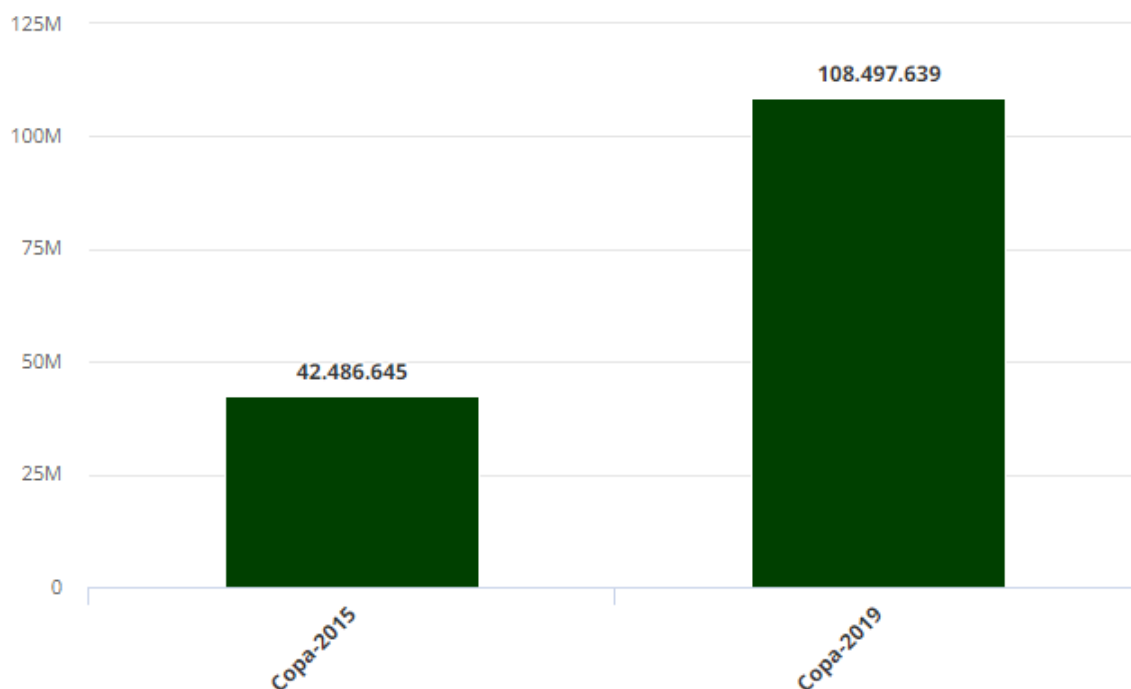
Desde o primeiro jogo da seleção feminina, a audiência da rede aberta teve um aumento significativo. Durante a transmissão do primeiro jogo, entre Brasil X Jamaica, a TV Globo teve o dobro de audiência do habitual. Só no Rio de Janeiro, foram 20 pontos de média e 48% de participação, contra 10 pontos dos últimos domingos que antecederam o jogo. Já em São Paulo, foram 19 pontos de audiência e 43% de participação, um crescimento de 9 pontos na comparação com a faixa dos quatro domingos anteriores.

O campeonato foi causador de inúmeros recordes de audiência registrados no mundo todo. Além do sucesso absoluto no Brasil o duelo das oitavas de final contra a França, registrou o maior ibope da história das Copas Femininas, com 30 milhões de espectadores no Brasil. Emissoras da Itália, Holanda, EUAs e Chile também registram números altos ao longo da competição.

Foram mais de 108 milhões de pessoas impactadas pelas partidas, o dobro da edição anterior, batendo recordes em 2019, segundo números do Kantar Ibope Media obtidos pelo Globo Esporte. Esse fator pode ter tido avanço por conta do interesse do público em consumir a modalidade e pela iniciativa em realizar pela primeira vez a transmissão na TV Aberta.

Audiência da Copa do Mundo Feminina 2019

Figura 11 - Número representa pessoas que assistiram a pelo menos 1 minuto da competição em canais abertos e fechados



Fonte: Kantar Ibope Media

Fonte: Kantar Ibope Media 2019

A cobertura da emissora por assinatura aumentou em relação a Copa anterior. O SporTV, que havia transmitido somente 23 partidas em 2015, ou 46% do total, decidiu aumentar as transmissões para 48 jogos em 2019, quase todos os jogos. A audiência do canal privado foi ligeiramente menor durante a fase de grupos tendo em vista que a TV Globo ofertava os mesmos jogos de forma gratuita. No entanto, no jogo contra a França, a audiência foi superior à da rede aberta.

Tabela 3: A audiência da seleção feminina na TV Aberta

Copa 2015	Pessoas alcançadas	Copa 2019	Pessoas alcançadas
Brasil X Coreia do Sul	2.294.000	Brasil X Jamaica	30.451.000
Brasil X Espanha	4.255.000	Austrália X Brasil	52.145.000
Costa Rica X Brasil	5.988.000	Itália X Brasil	68.754.000
Brasil X Austrália	7.571.000	França X Brasil	88.454.000

Fonte: autora

Tabela 4: A audiência da seleção feminina na SporTV

Copa 2015	Pessoas alcançadas	Copa 2019	Pessoas alcançadas
Brasil X Coreia do Sul	1.761.000	Brasil X Jamaica	1.691.000
Brasil X Espanha	2.673.000	Austrália X Brasil	2.515.000
Costa Rica X Brasil	3.608.000	Itália X Brasil	3.596.000
Brasil X Austrália	4.664.000	França X Brasil	5.281.000

Fonte: autora

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Realizar esta pesquisa possibilitou a compreensão a respeito de alguns aspectos utilizados pela TV Globo e pela SporTV durante a cobertura/transmissão dos jogos da seleção brasileira e da final da “Copa do Mundo de Futebol Feminino de 2019”. A pesquisa no entanto tinha como objetivo compreender que espaço foi dado à competição pelos dois canais, e durante a análise identificou aspectos significativos para o desenvolvimento de cada, a partir da elaboração da equipe para a cobertura, chamadas realizadas de cada jogo e o quanto influenciou na audiência.

As primeiras análises foram realizadas ainda quando a equipe que iria cobrir o evento esportivo foi divulgada, tanto quem iria para o país sede como quem permaneceria nos estúdios dos canais no Brasil. Nesse momento, já foi possível identificar a desvalorização do esporte feminino, diante das escolhas de jornalistas e narradores sendo na maior parte homens. Isso foi avaliado pelo próprio público que foi em meio às redes sociais expressas a indignação pelas escolhas diante de um evento realizado por mulheres. O resultado das escolhas foi demonstrado com comentários machistas e colocações sexistas de jornalistas durante as coberturas dos jogos.

Já em um segundo momento, foram analisadas as chamadas que cada canal realizou antes dos jogos, o que deixou claro o espaço que cada um destinou ao futebol feminino. Desde o primeiro jogo a TV Globo produziu chamadas para informar os jogos e os horários, mas também utilizou do material para expressar os propósitos, as lutas e os objetivos das mulheres, diante do reconhecimento ao trabalho de cada uma, em um esporte que é mais valorizado quando praticado pelos homens. Enquanto isso, a SporTV que já tinha como característica ser um canal 100% servindo ao jornalismo esportivo, apresentou em suas chamadas apenas as informações de cada jogo e realizou VTs curtos, com intuito de promover as partidas utilizando da imagem das atletas como uma forma de reconhecê-las.

Por fim, foi analisada a audiência de cada canal para se ter um melhor entendimento a respeito do impacto que as coberturas proporcionaram ao campeonato feminino. Isso porque foi a primeira vez que a TV Globo realizou a transmissão dos jogos, embora fossem apenas da seleção feminina e a cobertura completa no canal da SporTV. Com isso, foi possível identificar uma grande audiência com base nos outros anos e um acompanhamento dos espectadores com frequência, se mostrando interessados e comprometidos com o evento e o time nacional.

Sendo assim, a pesquisa concluiu identificando as marcas que distinguiram as coberturas jornalísticas dos dois canais, TV Globo e SporTV, ponderando as abordagens realizadas e identificados algumas características sexistas e refletindo sobre o espaço que é dado para o futebol masculino e feminino, em ambas copas do mundo.

O futebol de mulheres recebeu mais espaço na mídia durante a Copa do Mundo de Futebol Feminino de 2019 que nos períodos anteriores e posteriores, tendo conhecimento da audiência proporcionada nos dois canais. Sendo assim, os indicadores como vistos em pesquisas (LOURENÇO et al, 2019; GABRIEL FREITAS JUNIOR, 2013) o futebol feminino passa pelo processo de descontinuidade na mídia, recebendo maior visibilidade em momentos de grandes eventos.

Entre os canais que realizaram a cobertura/transmissões da Copa do Mundo de Futebol Feminino de 2019, foram destinados cerca de 38 profissionais, jornalistas brasileiros, entre narradores, comentaristas e repórteres. Entretanto, destes profissionais, 31 eram homens e apenas 7 eram mulheres, realizando a mesma função logo em um evento caracterizado pela força do sexo feminino.

Esses números foram interessantes para mostrar que as mulheres ainda foram minoria no jornalismo esportivo e que a área é considerada um espaço ainda muito ocupado predominantemente por homens, mesmo em um evento que é ocupado em sua maioria por pessoas do sexo feminino. No entanto, a Copa teve um avanço no sentido dos canais viabilizarem a importância das coberturas, e mesmo em quantidade mínima, teve a presença de mais mulheres comentaristas nas partidas, como a Ana Thais Matos e a Nadja Mauad.

Após a Copa, mulheres e jornalistas foram vistas com mais frequência nos eventos esportivos, no quesito comentaristas, como nos jogos do Campeonato Brasileiro masculino e recentemente, mulheres foram escaladas para narração e bancada de comentários nas transmissões das partidas do Brasileirão Feminino A1 de 2020.

Durante a análise foi percebido que as mulheres estiveram bastante presentes na Copa, visando que foi a primeira transmissão da TV aberta e cobertura completa da TV privada. Foi visto que mulheres tiveram, embora que em poucas, uma grande influência na transmissão do evento esportivo, ocupando cargos de liderança e discursos potentes. Já elaborando uma formação crítica do assunto, é muito importante ver o destaque recorrente das mulheres que buscam se destacar numa área ainda muito intimidada como masculina. Nesse caso, sem dúvida que a Copa de 2019 foi de grande potencial na formação do empoderamento de mulheres, partindo do pressuposto que a mídia como uma mediadora cultural, mostra mulheres no destaque servindo de inspiração e representatividade.

Outro aspecto foi o reconhecimento do evento. Em matéria realizada pelo El País, a ex-zagueira e capitã do Brasil no Mundial de 2003, Juliana Cabral, ressalta que muita gente só descobriu em 2019 que existia um campeonato voltado às jogadoras de futebol feminino. “A exposição em televisão aberta é um ponto de virada importante. Contribui para mudar a visão

das empresas sobre a modalidade. Antes, o futebol feminino era enxergado como um bando de mulher correndo atrás da bola, não como um produto”.

A audiência também auxiliou para esse reconhecimento, que além disso é um fator importante para a estruturação do mercado do futebol feminino, pois foi a partir do evento de 2019 que entidades e clubes formaram argumentos para negociar patrocínios. Diante que com base em mais gente assistindo à modalidade, mais apelo há perante o mercado publicitário. No Reino Unido, por exemplo, entre a semifinal entre Inglaterra e Estados Unidos a audiência de um programa de TV em 2019, superou até mesmo a final da Champions League entre Liverpool e Tottenham.

Já tendo em vista o futebol de mulheres, tradicionalmente invisível na mídia, a Copa de 2019 proporcionou visibilidade com a transmissão dos jogos. A partir dos aspectos analisados no trabalho final de graduação, a cobertura da Copa a partir dos dois canais, proporciona uma relevância com base na compreensão crítica do jornalismo para a formação dos indivíduos.

Todo conteúdo disponibilizado na mídia esportiva educa sobre o futebol de mulheres, assim a análise criteriosa dos conteúdos traz subsídios para refletir sobre o espaço destinado às mulheres no esporte em geral. Ao final do trabalho, a análise e discussão dos dados obtidos levaram a refletir sobre a responsabilidade do jornalismo esportivo e do quanto ainda é desenvolvido por homens. Embora sejam eventos como a Copa do Mundo de Futebol Feminina, o espaço para as profissionais do sexo feminino é desvalorizado.

Para o jornalismo a análise contribui como um produto de pesquisa que busca promover a reflexão acima do tema e acredita que nos próximos anos e eventos, a realidade tome outros rumos, tornando a voz feminina nas narrações e comentários de jogos, tão comum quanto as existentes. E ainda, o jornalismo esportivo seja mais enfatizado ao sexo feminino sem a existência do abuso ou preconceito pelo simples fato de serem mulheres falando sobre um assunto, que deve ser extinto quando caracterizado ao público masculino, que é o futebol.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBEIRO, Heródoto e RANGEL, Patrícia. **Manual do jornalismo esportivo**. São Paulo: Contexto, 2006.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Martins Fontes, 1977.

COELHO, Paulo Vinicius. **Jornalismo esportivo**. 2.ed São Paulo: Contexto, 2004.

CORRÊA, Lucas Brum. **A representação do futebol feminino: mídia e esporte no Brasil**. Nov. 2017. Disponível em: <http://sedici.unlp.edu.ar/handle/10915/75915>. Acesso em: jun. 2021.

IKEDA, Ana Akemi; CHANG, Sandra Rodrigues da Silva. Análise de Conteúdo - Uma experiência de aplicação na pesquisa em comunicação social. **Comunicação e Inovação**. V.6, n.11, p. 5-15, jul./dez. 2005. Disponível em: https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/618. Acesso em: 02 jul. 2021.

JANUÁRIO, Soraya Barreto; LIMA, Cecília Almeida Rodrigues; LEAL, Daniel. **Futebol de mulheres na agenda da mídia: uma análise temática da cobertura da Copa do Mundo de 2019 em sites jornalísticos brasileiros**. Editorial Board. V.14, n.4, 2020. Disponível em: <http://obs.obercom.pt/index.php/obs/article/view/1590/pdf>. Acesso em: jun.2021.

MALTA, Thalita Marinho. **Futebol feminino brasileiro e ativismo digital: reflexões sobre a luta em prol da visibilidade da mulher no esporte**. Disponível em: https://monografias.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/9662/1/FutebolFemininoBrasileiro_Malta_2019. Acesso em: 29 dez. 2020.

SALVINI, Leila; SOUZA, Juliano de; MARCHI JR, Wanderley. **Entre fachadas, bastidores e estigmas: uma análise sociológica do futebol feminino a partir da teoria da ação social de Erving Goffman**. Rev. bras. educ. fís. esporte. Out./Dez 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbefe/a/cSk649QKqRxYR6YCKz5gbms/?lang=pt>. Acesso em: jun. 2021.

MARTINS, Leonardo Tavares; MORAES, Laura. **O futebol feminino e sua inserção na mídia: A diferença que faz uma medalha de prata**. São Paulo. Set./Nov 2006. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/33360/17632> Acesso em: jun. 2021

SOUZA, Juliana; KNIJNIK, Jorge. **A mulher invisível: gênero e esporte em um dos maiores jornais diários do Brasil**. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte. V.21, n.1, 2007. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/16642> Acesso em: jun. 2021.

GOELLNER, Silvana. **Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades.** *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*. V. 19, n .2, 2005. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/16590> Acesso em: jun. 2021.

MOURÃO, Ludmila; MOREL, Marcia. **As narrativas sobre o futebol feminino o discurso da mídia impressa em campo.** *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. V.26,n.2, 2005. Disponível em: <http://oldarchive.rbceonline.org.br/index.php/RBCE/article/view/148> Acesso em: jun.2021.

TEIXEIRA, Fábio Luís Santos; CAMINHA, Iraquitan de Oliveira. **Preconceito no futebol feminino brasileiro: uma revisão sistemática.** Porto Alegre. V.19, n.01. jan./mar. 2013. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1153/115325713014.pdf> Acesso em: jun. 2021.

BALARDIN, Geórgia Fernandes. **O futebol feminino no Brasil e nos Estados Unidos: semelhanças e diferenças no esporte.** Porto Alegre. 2016. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/157074> Acesso em: jun 2021.

SALVINI, Leila. JÚNIOR, Wanderley Marchi. **Uma história do futebol feminino nas páginas da Revista Placar entre os anos de 1980-1990.** Porto Alegre. V.19 n.01. jan./mar. 2013. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1153/115325713006.pdf> Acesso em: jun.2021.

BALARDIN, Geórgia Fernandes. **Espaço midiático do futebol feminino no Rio Grande do Sul: um estudo a partir do regulamento da Conmebol.** Porto Alegre. 2018. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/199424> Acesso em: jun. 2021.

ARAÚJO; Érika Alfaro de; VENTURA, Mauro de Souza. **Performance e Espetáculo no Futebol: Semelhanças e Diferenças na Estrutura Midiática da Modalidade Praticada por Mulheres e Homens no Palmeiras.** São Paulo. 2020. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/sis/eventos/2020/resumos/R15-0331-1.pdf> Acesso em: jun. 2021.

COELHO. Tamires Ferreira. **Exército Feminino: Uma análise de Discurso sobre a Seleção Brasileira de Futebol Feminino na Visão da Revista TAM nas Nuvens.** Vitória, ES. 2010. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2010/resumos/R19-0244-1.pdf> Acesso em: jun. 2021.